

# Revista Sarau Subúrbio

AGOSTO 2018 - ANO 01#05



*Subúrbio é Música!*



## EXPEDIENTE

**Edição:** Ano 01 - Nº 5 - Agosto de 2018

Periodicidade da publicação: mensal

Idioma: Português (Brasil)

**Editores:** Marcelo Bizar e Marco Trindade

**Conselho editorial:** Marcelo Bizar, Marco Trindade, Sônia Elã, Kátia Botelho

Secretária-geral: Sônia Elã

**Revisão:** a revisão dos textos é feita pelo próprio autor, não sofrendo qualquer alteração pela revista.

Diagramação: Marcelo Bizar

**Capa:** Marcelo Bizar e Marco Trindade (sobre uma foto da estátua de Pixinguinha. Autor: Ique Woitschach, em bronze, localizada na calçada do Bar da Portuguesa, frequentado por Pixinguinha, ficando a poucos metros de sua antiga residência em Ramos, subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro.

Imagens: todas as imagens não creditadas foram retiradas da Internet, tendo optado o Conselho Editorial da revista por não identificar seus autores quando desconhecidos.

Contato: [sarausuburbio@gmail.com](mailto:sarausuburbio@gmail.com), <https://sarausuburbio.wixsite.com/revista>.

Distribuição: A distribuição da Revista Sarau Subúrbio é online. Encontra-se em diversas plataformas da Internet. Em seu sítio:

<https://sarausuburbio.wixsite.com/revista>, e também: ISSUU, Calaméo, Sapoblogs e Recanto das Letras.

**Notas importantes:** A Revista Sarau Subúrbio é uma publicação totalmente gratuita, sem fins lucrativos. Não contamos com patrocínio de qualquer natureza.

Nosso objetivo, em linhas gerais, é servir de instrumento para que os artistas que não possuem espaço de divulgação nas mídias tradicionais possam apresentar seus trabalhos, nas mais variadas formas, seja na literatura, na música, no cinema, no teatro ou quaisquer outras vertentes artísticas, sempre de forma livre e independente.

Todos os direitos autorais estão reservados aos respectivos escritores que cederam seus textos apenas para divulgação através da Revista Sarau Subúrbio de forma gratuita, bem como a responsabilidade pelo conteúdo de cada texto é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



## EDITORIAL

Subúrbio é lugar de música. Está aí uma frase que ninguém poderá contestar, a menos que nunca tenha pisado pelas bandas de cá, e desconheça por completo as inúmeras e importantes manifestações da Música Popular brasileira que aqui nasceram e continuam nascendo, tornando-se ao longo da história, grandes referências no cenário nacional.

Dos longos bate-papos nas calçadas, os quais muitas das vezes resultam em festejadas rodas de samba, naquele improviso maravilhoso, até mesmo o surgimento e manutenção de respeitadas agremiações, o subúrbio sempre foi lugar de muita música e de grandes artistas.

Num giro rápido, de supetão, só na Zona Norte da Cidade podemos afirmar que estão situadas quatro das maiores e mais tradicionais Escolas de Samba do nosso país, sendo que duas das quais estão separadas por uma caminhada de poucos minutos. Reflitam em termos de criação, de grandes compositores, o quanto que “Estação Primeira de Mangueira”, “Acadêmicos do Salgueiro”, “GRES Império Serrano” e “GRES Portela”, somente citando estas quatro Escolas de Samba, nos legaram...

Lembrem-se dos inúmeros pagodes, que tanto sucesso fizeram, num grande encontro do nosso povo com sua arte.

É “Sovaco de Cobra”, reduto de respeitadíssimos Chorões, é “Cacique de Ramos”, berço do Samba, é “Renascença Clube” palco da resistência negra e local de difusão do que há de melhor na música brasileira, é “Clube do Samba”, grande trincheira de luta cultural frente à invasão da música estrangeira, são as Lonas Culturais divulgando artistas, são os coletivos nas praças, nas ruas, nas calçadas, nas feiras, nas pequenas livrarias e sebos, resistindo heroicamente.

Subúrbio é lugar de música, de violão, de seresta, de grandes poetas, de muita inspiração, ou alguém ousaria dizer o contrário diante de nomes como Pixinguinha, Luiz Carlos da Vila, João Nogueira, Nelson Cavaquinho, Cartola, Zé Keti, somente para citar alguns dos maiores expoentes da nossa Música Popular. O nosso desejo é que toda esta riqueza cultural nos sirva sempre de norte, na busca dos melhores caminhos a serem seguidos...



## SUMÁRIO

- 02 - Expediente
- 03 - Editorial
- 04 - Sumário
- 05 - É quem é de samba não se cansa
- 07 - Lendas do samba e da bola
- 08 - 70 horas dentro de um ônibus
- 10 - Ad urbem ou In civitate (consequentia)
- 12 - Círculo vicioso
- 15 - Uma pequena história do samba -
- 18 - 2068 - parte 3
- 19 - Catulo, o trovador do subúrbio
- 21 - Temposição das Almas Íncubas - Hojecanção
- 23 - O dia em que o futebol matou em Vista Alegre
- 26 - Joel
- 27 - O subúrbio e o trabalho doméstico no Brasil: um breve relato
- 30 - Domingo é fogo (relato de uma incerteza)
- 31- Estante suburbana
- 32 - Discoteca suburbana
- 33 - A namorada do bandido
- 35 - Comida di pé sujo
- 36 - Aluá de Lukni
- 38 - Mulher que me tornei
- 39 - Lógica de um folião de carnaval
- 42 - De dentro do quilombo - Pedra do Sal, quilombo patrimônio carioca
- 44 - Lembrando Deyer depois de um Dreher no subúrbio
- 46 - Blog do Tiziu



## É... quem é de samba não se cansa!



A luta do povo brasileiro  
Começa bem cedo o ano inteiro  
Suor com sorriso, visão mansa  
É... quem é de samba não se cansa!

Mora num conjunto-pardieiro  
De aroma bem forte: catingueiro  
Dorme tendo ao lado sua lança  
É... quem é de samba não se cansa!

No trem bem lotado, um negreiro  
Lembra quanto deve ao padeiro  
Pelo pão dormido em sua pança  
É... quem é de samba não se cansa!

Pra vencer reza pro Carpinteiro  
Mas não deixa de ser macumbeiro  
Sabe que qualquer reza faz poupança  
É... quem é de samba não se cansa!

Doente, procura um curandeiro  
Hospital, só quem tem o financeiro  
Sua cura chega de ter esperança  
É... quem é de samba não se cansa!

Apesar de posar de roqueiro  
Cultua mesmo o samba brejeiro  
Na orelha o celular toca Andança  
É... quem é de samba não se cansa!

Canta sem ter paradeiro  
Bebendo se arrisca em picadeiro  
Seus versos a rima sempre alcança  
É... quem é de samba não se cansa!



Canta sem ter paradeiro  
Bebendo se arrisca em picadeiro  
Seus versos a rima sempre alcança  
É... quem é de samba não se cansa!

Não passa de um cachaceiro?  
Um palhaço, grande embusteiro?  
Acham que lhe falta gananção?  
É... quem é de samba não se cansa!

Seu talento não é traiçoeiro  
Quando improvisa é certo o morteiro  
Faz rimas tecendo trança-a-trança  
É... quem é de samba não se cansa!

Seu sonho é ser bom partideiro  
Talvez o seu destino derradeiro  
Poeta e sambista de sustança  
É... quem é de samba não se cansa

S'onestidade é ser verdadeiro  
Carreg'um país no seu pandeiro  
Da paz quer viver uma aliança  
É... quem é de samba não se cansa!

Marcelo Bizar



## Lendas do samba e da bola

Um jogo entre Vasco x Andaraí, realizado em 1934, no estádio de São Januário teve um estrondoso placar de 12x2 para a equipe cruzmaltina. Conta a lenda que o massagista do time goleado, conhecido como Arubinha, enterrou um sapo atrás de uma das balizas. Depois disso, o Vasco da Gama levou uma década para voltar a conquistar títulos, que só vieram com a formação do vitorioso Expresso da Vitória nos anos quarenta.

Já o Santos do grande artilheiro Feitiço foi campeão em 1935 e depois disso o clube só voltou a sorrir na gloriosa era Pelé. O futebol do Andaraí acabou extinto e seu simpático estádio acabou vendido ao América. Nos anos oitenta era palco de rodas de samba da Vila Isabel, ainda sem quadra fixa, aos sábados e aos domingos o Bafo da Onça também se exibia ali. A especulação imobiliária liquidou o campo, demolido para a construção do Shopping Iguatemi.

Outro feitiço famoso empacou o Império Serrano nos anos sessenta. Mesmo no auge do saudoso Silas de Oliveira (Aquarela Brasileira, em 1964, Cinco bailes da história do Rio, com Ivone Lara e Bacalhau, 1965 e o inesquecível Heróis da Liberdade, em parceria com Manoel Ferreira e Mano Décio, de 1969), a Serrinha parecia afetada pela maldição do Timbó: alguém bateu cabeça errado e o azar só foi sepultado no ano da morte de Silas, em 1972, quando Alô, alô, Carmem Miranda fez a escola quebrar o jejum de doze anos. Lendas do samba e da bola...

Orlando Oliveira, jornalista



## 70 horas dentro de um ônibus

Eu gostaria de morar dentro de um ônibus.

Mais ou menos como fez o Tolstoi - aquele escritor russo que viveu nos trens depois de velho, acho que você se recorda. Aliás, foi ele que disse: se quer representar o mundo, começa pintando a tua aldeia.

Agora mesmo escrevo da pequena rodoviária de Colônia de Sacramento, Uruguai, e reflito sobre os impactos que uma longa viagem de ônibus está trazendo à minha escrita.

Sim, optei por vir de ônibus do Rio pra cá. Não se assuste, nem fique com pena por minhas 40 horas de viagem. Eu gostaria de morar dentro de um ônibus, já disse. Então foi uma escolha consciente. Cada instante de viagem me gerou uma espécie de transição entre meu mundo comum e a aventura. Monótona? Sim. Mas a lentidão me fez ver tudo em outro tempo – e permitiu perceber coisas que a correria impediria.

Para além disso, vamos aos detalhes de minha casa temporária: o ônibus possui 2 andares e, saindo do Rio, vi o lugar com outro olhar. A Maré, a praia de Ramos, o Arco Metropolitano cortando os sertões de Japeri. Todo cenário se transforma se observado 2 metros acima do normal.

Penso: os cenários podem ser os mesmos, desde que desloquemos o olhar.

A tarefa principal do escritor talvez seja deslocar o olhar automatizado.

Atenção e perspicácia. Inocência e serenidade.

Se Literatura é sobre gente, o que você acharia de: paraguaios, argentinos, francesas, pernambucanos, paraenses, peruanas, chilenos, cariocas e iguaçuanos?

Agora imagine toda essa gente interagindo. Línguas, hálitos, deglutições, risos, olhares, desejos, rancores, amizades provisórias; cada conversa foi um prato cheio - sobretudo porque dormimos e comemos juntos, o que me possibilitou um curso intensivo de intimidade humana latino-americana.

Se só de pensar nessa azáfama, você se desespera e pensa na tranquilidade de uma viagem de avião comprada com suas milhas, talvez não esteja vendo as coisas sob a mesma ótica que as vejo. Repara: toda experiência enriquece a escrita.

Convicção minha de que quanto mais difícil melhor, já que a palavra experiência deriva do radical “per”, o mesmo de perigo.

Quanto mais perigoso melhor.





Só pra constar que eu não sou o único escritor-maluco a ver vantagens para a escrita numa boa viagem de ônibus. O Daniel Galera já disse que, quando tem bloqueios criativos, entra em algum ônibus e espera que ele dê uma volta completa pelo seu itinerário em Porto Alegre, desce no mesmo lugar que entrou e, pronto, a pira de escrever volta.

Método? Loucura? Nem um, nem outro.

Uma viagem de ônibus é colocar o corpo em experiência. Discordo de quem diz que todo escritor precisa ter hora e local certos para escrever diariamente.

Eu não tenho.

Eu não preciso.

Minha escrita seria uma tortura se tivesse uma salinha, uma mesinha, um computadorzinho fixos.

Minha escrita seria uma tortura se escrevesse todos os dias das sete ao meio dia, a madrugada toda, à tarde depois do almoço, ou seja lá o qual fosse o horário desse martírio.

Vario, modifico, paro, corro, transporto-me.

Rebelo-me contra mim mesmo.

Com o corpo em experiência encontro possibilidades de escritas que não encontraria se ficasse na redoma da disciplina.

Viaja de ônibus, escritor! E um conselho final: quanto menos celular, melhor. A telinha te reduz a um mundo já confortável e - seria herético dizer? - chato, previsível. (Antes navegávamos na internet, hoje cada smarphone é uma ilha).

Usufrua de sua liberdade total. Porque a liberdade - mesmo a de viver nos trens, como o velho Tolstoi, ou a de viver nos ônibus, como eu sonho, ou a de viver da maneira mais autêntica que imaginar - te levará à matéria prima da Literatura: o limite das possibilidades humanas.

Jonatan Magella



## Ad urbem ou In civitate

A expressão **fugere urbem** significa, em latim, “fugir da cidade”. Originalmente usada pelo escritor latino Horácio, foi adotada como lema pela literatura árcade para simbolizar o poeta literário que se desloca da vida agitada e corrida da cidade e vai para a calma da zona rural.



Por outro lado, entretanto, seguindo a veia latina deste artigo, as expressões **Ad urbem** e **In civitate** definem-se, respectivamente, como “junto à cidade” e “retorno à cidade”, contrapondo-se ao conceito da expressão latina presente no primeiro parágrafo.

Retornando à ideia do texto *Sub & Urbe*, da 4ª edição, da Revista Sarau Subúrbio, a proposta deste texto é rediscutir o valor intrínseco que há na palavra subúrbio. Nessa linha, percebe-se, ao longo do tempo, que a sociedade urbana se concentrou nas grandes cidades devido à busca por trabalho e moradia, favorecendo (nessa condução criadora da urbe) o caos urbano e civilizatório.

Seguem, repetindo mais uma vez a 4ª edição, alguns versos da música *Subúrbio*, de Chico Buarque, para ilustrar a posição poética dos trovadores modernos diante do espetáculo que se abre na presença do subúrbio carioca:



“Lá não tem claro-escuro  
A luz é dura  
A chapa é quente  
Que futuro tem  
Aquela gente toda  
Perdido em ti  
Eu ando em roda  
É pau, é pedra  
É fim de linha  
É lenha, é fogo, é foda.”



Para concluir a discussão que se trava aqui, a presença do subúrbio se faz necessária em todas as manifestações artísticas. Por ora, põe-se a letra de Chico que traz à tona o embate em torno da negligência em relação ao subúrbio e, ao mesmo tempo, o enaltece no que diz respeito à representatividade cultural para o país.

Leonardo Bruno



## Círculo vicioso

Dois grandes amigos de longa data, há muitos anos sem se verem e tão pouco se falarem, se encontram. Um deles, após os cumprimentos e as palavras de praxe num momento como este, inicia, em tom de lamento, um desabafo.

— Amigo, esta dor veio mesmo para ficar!... Nunca mais vai passar!... Vou ter que conviver o resto da vida com ela!...

— É mesmo?

— Com certeza!

— Bem! Se você está dizendo que ela não vai passar, é por que você quer que seja assim. Quer conviver com ela até que a morte os separe.

— Como assim?

— Você está determinando a própria sentença!

— Continuo sem entender!

— Você está condenando-se à dor, enquanto viver.

— Hum!... Deixe-me esclarecer! Eu gostaria que ela passasse, mas sinto que ela vai me incomodar até o meu último dia de vida.

— Você continua dando ênfase à dor!

— E eu continuo a não entender onde você quer chegar!

— Quando você diz que a dor não vai passar está alimentando-a para que fique.

— Mas a perda de qualquer coisa que revestimos como valorosa para nós e que jamais poderemos reaver é irreparável.

— A perda, vista por este prisma, é determinante. Sou obrigado a concordar, mas!...

— Começamos a nos entender, então?

— Não! E vou continuar a insistir batendo na mesma tecla: é irreparável por que você quer que seja assim!

— Conversar com você está muito complicado!

— É o que você acha?

— Acho! E já sei o que você vai dizer! Se você acha que é complicado, então é complicado!

— Agora sim! Estamos começando a nos compreender.

— Você é louco! Porém um louco varrido e não um maluco beleza.

— É o que você acha?



- Pô cara! Você vai ficar muito tempo tirando onda com a minha cara? Minha paciência tem limites!
- Calma meu amigo! Só estou tentando fazer com que você compreenda que: o que você quer ser ou estar é você quem determina!
- Como assim?
- Estava forçando uma barra para que você percebesse onde eu quero chegar, sem que tivesse que entrar em certos detalhes. E assim, talvez você enxergasse, por iniciativa própria, outros ângulos na sua maneira de pensar.
- Como assim?
- Quando você diz: está dor nunca vai passar! Você está ditando para o seu cérebro o que deseja que ele processe.
- Hum!... Acho que estou começando a entendê-lo. Mas como conviver com a dor da perda de um ente querido.
- Você não é o primeiro e nem será o último. A morte é a única certeza de uma vida, e encarar a partida de alguém é problema dos que ficam.
- Até aí morreu Neves!
- Compete a cada um dimensionar a amplitude da dor e do seu drama. Saudades! Vamos sentir até chegar a nossa vez de partir, mas não convém eternizar a dor, enquanto durarmos.
- Isto soa meio Vinícius, não? Soneto da Fidelidade.
- Só que Vinícius fala de um amor.
- Tudo bem, mas estamos fugindo do tema! Quero saber como eu vou conviver com o meu problema.
- Basta dizer para si mesmo que a dor passou e quando a saudade vir bater a sua porta deixe-a entrar só se for para lembrar dos momentos felizes. Assim você não sofre.
- Mas lembrar dos momentos felizes vai me fazer triste!
- Vai fazê-lo triste, se assim você quiser!
- Lá vamos nós, mais uma vez, voltar a conversar em círculo! Falar, falar e falar!... Até retornarmos ao ponto inicial.
- Se você não quer voltar ao mesmo ponto deve mudar o rumo e estabelecer onde deseja chegar realmente.
- E como?
- Primeiro é preciso determinar o que você quer. Qual a sua real intenção! Pois parece que você não está ciente dela.



- A minha intenção é não conviver com a dor.
- Bem! Você já tem o mapa da situação, agora é só se seguir os caminhos que conduzem para onde você quer chegar.
- Mas não é tão simples assim como você está falando!
- Se você acha que não é simples é porque...
- Ah não! Pelo amor de Deus, não! Não me venha de novo com aquela lengalenga inicial! Tchau!...

Kaju Filho



## Uma pequena História do Samba (sambas de terreiro ou de quadra?)

Pois é, as pessoas mesmo sambistas atuais só conhecem sambas de enredos nas escolas de samba.

[Não sabem definir o que seja samba de raiz, samba de terreiro ou samba de quadra.]

Samba de raiz eram os sambas cantados nos terreiros e depois nas quadras..

Quando surgiram as primeiras escolas de samba lá pela década de 1920 os ensaios eram realizados em terrenos livres cujo chão era de barro ou de terra. Então os sambas que se faziam para os ensaios eram chamados de sambas de terreiros, suas letras eram de conotações políticas, de críticas, de amor, de deboche, cômicas, enfim de situações do dia a dia, tinham mensagens.

As letras eram curtas e as melodias animadas

As pastoras lideradas pelo ensaiador ( diretor de harmonia) iam sambando e levantando poeira involuntariamente.

Os sambas que eram cantados nos desfiles até a década de 1940, eram esses de terreiros, pois ainda não havia enredos específicos.

Nesta mesma década de 1940 as escolas de samba começaram a apresentar enredos com temas nacionais e os sambas de terreiros passaram a serem aqueles de aquecimento da bateria.

Mas os ensaios continuaram a serem realizados com sambas de terreiros até o início do processo de escolha do samba de enredo de cada escola.

Geralmente esse samba enredo era escolhido quase próximo ao carnaval.

Até a década de 1960 era assim. Sambas de Terreiros e depois Sambas de enredos.

Com a evolução através dos do tempo e o crescimento das escolas de sambas, o local de origem dos seus ensaios se tornavam pequenos para o publico que começavam a receber.

A Mangueira saiu de sua sede e dos ensaios no Buraco Quente ( Rua Saião Lobato) e passou a ensaiar na quadra do Esporte Clube Cerâmica na Rua Visconde de Niterói.

A Portela começou também a ensaiar na quadra do Imperial Basquete Clube em Madureira e também no Mourisco.

O Salgueiro por sua vez passou a ensaiar na quadra do Esporte Clube Maxuel no Andaraí.

A Vila Isabel na quadra do campo do América Futebol Clube também no Andaraí.



E outras escolas saíram de suas comunidades ou de seus redutos originais e começaram também a ensaiar em quadras ou ginásio de clubes esportivos.

E os sambas que eram de terreiros passaram a serem chamados de sambas de quadra.

Muitos desses sambas chamados de terreiros ou de quadra, devido ao sucesso que faziam nos ensaios de suas escolas começaram a chamar atenção de cantores profissionais que se propunham a grava-los, com isto ao tocar nas rádios atingiam outro tipo de público além dos sambistas..

Por exemplo, o Samba “Leviana” do Compositor Zé Ketti, saiu dos ensaios da Portela em 1954, para ser gravado e ser sucesso na voz de Jamelão.

O Samba “ Vem chegando a madrugada” de Zuzuca e Noel Rosa de Oliveira saiu do Salgueiro pra ser sucesso na voz de Jair Rodrigues ( Década de 1960).

O samba “ Tem Capoeira” do compositor Batista da Mangueira fez grande sucesso também na voz de Jair Rodrigues ( Década de 1960).

O samba “Vai no bexiga pra ver” do compositor Geraldo Filme saiu da Vai Vai grande Escola de Samba de São Paulo ( Década de 1970) e fez sucesso fora da escola também. Até Beth Carvalho o gravou.

Paralelamente a isto e também no final da década de 1960 os sambas enredos tiveram sua primeira gravação em disco LP.

Sucesso total, vendagem acima da expectativa.

A partir deste, todos os anos o grupo principal das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, passou a ter seus sambas gravados ano a ano.

Lançados sempre no mês de dezembro próximo ao Natal, juntamente com o LP do Cantor Roberto Carlos era o mais comprado e tocado neste período.

Com o objetivo de se fazer um LP com mais qualidade também antecipar o lançamento os responsáveis pela gravação começaram a encurtar o prazo, dando limite para as escolas escolherem seus sambas enredos.

Com isso os sambas de quadra foram perdendo espaço e foi piorando ainda quando as escolas de samba passaram a cantar em seus ensaios os sambas enredos de outras agremiações de carnavais passados.

Os sambas de quadra foram desaparecendo e já na era Sambódromo, sumiram de vez.





Com isso os compositores ficaram sem espaço para mostrar suas criações baseadas em inspirações para compor, só lhe restando concorrer a disputa de samba enredo.

E o pior com a onda de samba encomendado aos “Escritórios” de samba, a tendência é de se acabar a Ala dos Compositores que no passado revelaram grandes nomes, .como Cartola, Silas de Oliveira, Zé Ketti, Candeia, Monarco, Martinho da Vila e outros nomes que fizeram grandes sambas de terreiro ou de quadra em suas escolas de samba.

Onesio Meirelles



2068 ( parte 3 )



Adoro caminhar na Centro, especificamente na região da Gamboa mas confesso que me assusto um pouco, na verdade não me acostumo em ter que pagar ingresso para entrar na Pedra do Sal; ela está dentro de uma enorme redoma de Vidro bem aos Pés do Morro da Conceição , o antigo prédio da companhia de águas ao lado foi parcialmente derrubado e hoje paga-se para entrar e tocar na Pedra direto com as mãos, além de ouvir estórias de rodas de samba que ocorriam naquele local; é possível assistir ao espetáculo holográfico do canto Raiz dos Negros Africanos que trabalhavam de Sol a Sol nesse Local... quantas vezes batuquei por aqui e pude sentir minha ancestralidade a Flor da Pele; pude sentir meu Orixá pulsando no Coração, Magia que só encontro na colina da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim em Salvador.

Já são três da tarde e Liz me avisa preocupada com o horário do ensaio geral para o desfile principal de Domingo a noite na Sapucaí, a Escola de Samba Meteoro Independente de Marechal Hermes irá inovar trazendo uma Bateria com ritmistas reais e outra com ritmistas virtuais ou melhor holográficos, estamos prestes a fazer a maior revolução nos desfiles da Sapucaí , na verdade em breve todo o desfile será holográfico, ou pelo menos no grupo super especial e o grande teste acontecerá nesse Carnaval de 2030. Eles vem com um enredo peculiar falando sobre perfumes de Mulher desde a antiguidade; e logo como Mestre de bateria resolvi também inovar colocando tres Rainhas de bateria; quando contei para Liz ela ficou um pouco enciumada mas logo compreendeu minha decisão dizendo programadamente: Boa Sorte Amor!

Logo que cheguei na Sapucaí o diretor de eventos Mr Tex me informou que para qualquer grau de luminosidade ambiente os Holoritmistas estariam visíveis e me confirmou que dessa vez a transmissão do evento seria distribuída para 3 Bilhões de pessoas em todo o Mundo. Todo gerenciamento da passarela do samba agora era controlado pela norte americana "farwest" a maior empresa de organização de eventos do planeta e por isso mesmo parte dos turistas de todo Globo ainda alheios ao HoloMundo vinham para o Rio de Janeiro hospedando-se em sua maioria no bairro do Santo Cristo, na Gamboa , no Centro e no entorno da passarela do Samba.

Rodolfo Caruso



## Catulo, o trovador do subúrbio

No bairro do Engenho de Dentro, quase Méier, existe a Rua Catulo Cearense, nome de um antigo e ilustre morador deste logradouro. Mas afinal, quem foi Catulo Cearense, ou melhor: Catulo da Paixão Cearense? Se você já ouviu ou mesmo cantarolou os versos “não há, oh gente, oh não luar como esse do sertão”, então o tal Catulo não é tão desconhecido assim, pois ele é o autor destes versos.

Catulo da Paixão Cearense nasceu em São Luis do Maranhão no dia oito de outubro de 1863 e faleceu no Rio de Janeiro em nove de maio de 1946 na então Rua Francisca Meyer, hoje Catulo Cearense. Aos 17 anos mudou-se com sua família para o bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, e em 1890 começou a escrever e cantar suas famosas modinhas de violão. Seu pai, Amâncio José da Paixão Cearense, era terminantemente contra: para ele esse estilo de vida vinculava-se à bebida e ao desemprego, não queria um filho “boêmio”. Tanto que Catulo chegou a levar uma surra do pai ao insistir com o violão, que naquela época, segundo o próprio compositor era considerado um “instrumento maldito”.

Mas de nada adiantou a tal surra, porque Catulo continuou com suas composições e cantorias, transformando o violão de “instrumento maldito” em sucesso nas casas de homens ricos e influentes como Rui Barbosa, Pedro Lessa, Coelho Neto, e até mesmo sendo convidado pelo presidente Artur Bernardes para tocar no Palácio do Catete (então sede da Presidência da República). Foi Catulo que acalentou com suas canções a José do Patrocínio no final de sua vida. Por isso, era considerado o responsável pela “reabilitação do violão” que saía das rodas de boemia e adentrava aos “salões de família”.

Além de compositor de modinhas, que sempre falavam das coisas do sertão brasileiro, Catulo também escreveu diversos livros de poesia: Cancioneiro Popular, Lira dos Salões, Novos Cantares, Poemas Bravios dentre outros. Também escreveu duas operetas: O Marroeiro e Flor de Santidade.

Mas isso não foi o suficiente para fazer de Catulo um homem rico, já que sempre levou uma vida modesta. Ele abriu um colégio no bairro da Piedade no qual lecionava português e francês. Em sua casa humilde do Engenho de Dentro recebia pintores, cantores, escritores, jornalistas, geralmente aos domingos, servindo-lhes sempre uma boa dose de cachaça. Em 1940 foi homenageado com a inauguração de um busto seu no centro do Rio de Janeiro. Diga-se de passagem, Catulo foi retratado por diversos caricaturistas já que tinha uma “fisionomia expressiva, nariz adunco e crânio polido e cuidadosamente cortado a navalha”.



Um capítulo interessante da vida de Catulo Cearense foi quando se recusou a candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, mesmo com a insistência de amigos. Dizia que a Academia nada tinha que ver com os trovadores e poetas populares, considerando uma miséria “bajular um imortal, de joelhos, com os olhos cheios de lágrimas, esmolando-lhe um voto”. Preferia a simplicidade de sua vida nos subúrbios, e manteve-se na ativa mesmo com idade avançada. Teve a amizade e admiração do ator Procópio Ferreira, que financiou a edição de seu livro *Fábulas e Alegorias*.

Sua morte foi lamentada por diversos intelectuais e artistas da época, que igualmente exaltavam a obra e a personalidade marcante de um “legítimo representante de nossa cultura”. Seu enterro estava cheio de escritores, músicos, artistas, políticos, mas também da gente simples que sempre esteve presente na obra de Catulo. O jornal *A Noite* dedicou-lhe um suplemento inteiro em julho de 1946.

Existem muitos outros “causos” sobre esse maranhense que fez do subúrbio carioca o seu recanto. Deixo aqui só um pedacinho da rica vida desse ilustre suburbano. E que viva Catulo da Paixão Cearense!

Ana Cristina de Paula



## Temposição das Almas Ícubas - Hojecanção

3º PRETEXTO: Vandaglijdie (Hojecanção)



"Meus olhos se embalambulam semioticamente nos diversos processos linguísticos codificados em azulejos sujos do Banheiro mundo".

Nada indica a Hombre Tonto o Mundãozãoespírito.

Cascas de ovos de aveztruz registraram há 60 milanos evidênciasomas de sistemas africo-extra-terrenos. Comunicações de astronaudeuses. Insígnias, signos, pictogramas, riscosentalhos, tatuaferrros.

Pedrazulejos tatuados. Camadas-de-camadas de significadosdestinos.

Todos diante dele na Centralizadora e nada que lhe mostre o caminho pra encontrar as Almas Ícubas.

Recordasonha-se de algo antigo...



“Livro III - Mite - Tautologie Afrikaans”

"In die mitologie van nasies dwarsoor die wêreld is daar temas wat oor en oor voorkom."  
(Hanan Negev - Die Agtste Alchemis)

"Nos mitos das nações ao redor do mundo há temas que ocorrem repetidamente."  
(Hanan Negev - O Oitavo Alquimista)

Quantas temporadas e indelevisões!  
Quais indioeuronaus navegar?  
Tempescapamentos e letraprosapoemas!  
Banheiromundo indagado e não diz nada!

Hombre Tonto dorme cecinha e lá no seu mundoprópriode impressões  
dialoga consigo! E vê!  
Deve partir... apercebebem que deve continuar pois chegou-se às  
profundezáguas...  
Daí não tem mais como profundar-se-inda-mais!  
Uma hojecanção lhe chega... e ele cantarola tranquilo ao partir:

“Lig, son  
nagloed  
sing dit alles  
selfs die goud.”

“Luz, sol  
arrebol  
canta tudo  
até o ouro.”

\*Escute a canção:

link: <https://www.youtube.com/watch?v=4Ax9IsEgfSc>

\*\* Caso não abra copie o link e cole no navegador!

Pazuzu Silva



## O dia em que o futebol matou em Vista Alegre\*

Ano de 1972. O Flamengo, enfim, montara um time digno de quebrar o jejum de sete anos sem o título estadual. Contratara Paulo César Caju e Rogério Hetmanek, jogadores de seleção brasileira, vinha com Zagallo, o treinador tricampeão de 1970, no comando técnico e trouxera de volta o argentino Narciso Doval, emprestado ao futebol portenho. Porém, no meio de campo, como cabeça de área, o incansável Liminha continuava dando as cartas, único titular absoluto desde os finais dos anos sessenta, sendo o "Carregador de Piano" do time rubro-negro.

João Crevelim, o Liminha, veio para a Gávea como "contrapeso" em uma negociação, em 1968, cujo o alvo do Flamengo era o atacante Cardosinho. Cardosinho fracassou, mas Liminha, com seu futebol cheio de raça e entrega, caiu nas graças da torcida. Formou famosa dupla de meio de campo com Zanatta, o "Paletó Velho". Não era craque e não era muito de fazer gols, mas um deles está entre os maiores gols da história do Maracanã: na final do campeonato carioca de 1969, mesmo perdendo para o Fluminense a decisão, Liminha arriscou um chute da intermediária, encobrendo o goleiro tricolor Félix, uma imagem imortal eternizada pelo Canal 100.

Porém, com todo esse histórico, o "Carregador de Piano" seguia morando em Vista Alegre. Eram épocas em que um jogador de futebol podia ser uma estrela, mas somente dentro de campo. Saiu das quatro linhas do gramado, o craque era uma pessoa normal, não tinha essa onda de celebridade. E, além do mais, a Barra da Tijuca (hoje o bairro de onze entre dez atletas de time grande do Rio de Janeiro) ainda era uma região inóspita do Rio de Janeiro.

E seguia Liminha feliz a sua vida simples em Vista Alegre. Pegava carona para ir para o treino na Gávea com o lateral-esquerdo Paulo Henrique, titular brasileiro na Copa de 1966, que morava no bairro vizinho, Vila da Penha. Era pessoa querida na vizinhança, assim como sua família. Seu filho, por exemplo, era paparicado pelo vendedor de balas e sorvetes, na porta da escola, na pracinha de Vista Alegre: sempre ganhava um picolé, um drops, um pirulito, um chocolate, sem pagar nada.



E o Flamengo, como prometia, embalou: primeiro ganhou o Torneio de Verão, enfrentando Vasco e Benfica, este último com gol magistral de Fio Maravilha, que inspiraria o compositor rubro-negro Jorge Ben no VII Festival Internacional da Canção, em setembro daquele ano. Depois, foi o Torneio do Povo, enfrentando os times de maior torcida dos principais estados do Brasil, Corinthians, Atlético-MG, Internacional e Bahia. Em seguida, para se vingar da derrota de 1969, o time da Gávea arrebatou com uma goleada de 5 X 2 a Taça Guanabara em cima de Fluminense, diante de 140 mil pessoas, onde teve de tudo: as cambalhotas de Caio e mais um raro gol de Liminha. E, para culminar, o Flamengo foi campeão carioca em cima de novo do tricolor, no dia em que se comemorava do Sesquicentenário da Independência. Com a camisa cinco rubro-negra, lá estava Liminha, abnegado, com o seu futebol aplicado, de toques simples, anulando Gérson, o Canhotinha de Ouro e craque do Flu.

Com tantas vitórias e títulos, vieram prêmios e "bichos". Com dinheiro no bolso, Liminha ia sempre ao encontro ao vendedor de balas e sorvetes, na pracinha de Vista Alegre, para acertar a conta do filho. Mas, o vendedor se recusava a receber. Afinal, já se considerava recompensado pelos títulos e vitórias que o Flamengo e Liminha vinham lhe dando como torcedor. E, dessa forma, foi quase todo o ano de 1972.

Entretanto, veio o Campeonato Brasileiro daquele ano. A regularidade nas competições anteriores foi perdida. Mas, nada que comprometesse. Para sacudir a poeira, nada como o dia de aniversário do Flamengo (15 de novembro), enfrentando o arquirrival Botafogo, e se possível, derrotando o único clube grande carioca que ainda tinha vantagens em confrontos diretos com o clube da Gávea. Só esqueceram de combinar com os alvinegros. O clube da estrela solitária tinha ido mal no campeonato carioca, mas era uma seleção: Osmar Guarnelli, Marinho Chagas, Nei Conceição "Chiclete", Carlos Roberto, Zequinha, Jairzinho e o argentino "El Lobo" Fischer. Primeiro tempo, 3 X 0 Botafogo. Etapa final, mais três gols do Botafogo, com direito a gol de letra do "Furacão" Jairzinho, uma atuação de gala de Fischer, substituído ao final pelo oportunista Ferreti, que também deixou a sua marca. Seis a zero, um autêntico presente de grego do alvinegro nos 77 anos do Flamengo.





Dia seguinte, em Vista Alegre. Liminha, acabrunhado com o vexame frente ao Botafogo, foi pegar o filho na escola em Vista Alegre. Estranhou em não encontrar em frente ao estabelecimento de ensino, o vendedor de balas e sorvetes. Caminhou um pouco mais pela praçinha e decidiu olhar para um sobrado, onde sabia que o vendedor morava. Lá estava ele, na sacada, mas com a fisionomia transtornada. Liminha, timidamente, decidiu acenar para o atencioso ambulante. Recebeu, em troca, uma saraivada de xingamentos, palavrões e impropérios. Para, em seguida, o vendedor cair fulminado por um ataque cardíaco. Nesse episódio trágico, Liminha entendeu definitivamente o que era a torcida do Flamengo.

Alex Brasil - rubro-negro, esteve no Maracanã no dia fatídico de 15 de novembro de 1972 e era um dos ouvintes da história de Liminha.

\*Descoberto por Antônio Carlos Schittino trabalhando em trailer próprio em Vista Alegre, Liminha contou esta história no boteco Papo de Esquina, Vila da Penha, em 2000.



## Joel



Filho dileto de Apolo,  
Sua Lira é o bandolim.  
É o jacarandá que chora colorido  
E embriaga os ouvidos da nossa gente.

Homem de vários retratos,  
Fotografou o silêncio.  
Revelou notas musicais  
Do subúrbio da Leopoldina para o mundo.

Se aqui na Penha nasceu um Beethoven,  
Em Viena existiu um Joel Nascimento,  
Porém aqui em sua carta-testamento  
O nosso chorão não falou em morte,  
Mas exaltou a vida.

Joel é músico,  
Joel é música,  
Joel já virou poesia,  
E poesia é para sempre.

Marco Trindade



## O subúrbio e o trabalho doméstico no Brasil: um breve relato!

Como um país de passado escravista, o Brasil absorveu o serviço doméstico como uma das variações do trabalho escravo.

No Período Colonial havia basicamente duas funções para o escravo: uma, era trabalhar no eito, ou seja, na lavoura, principalmente de cana de açúcar. A outra era de caráter doméstico, realizando todas as atividades inerentes a casa grande.

Essa diferenciação, determinante na zona rural, perdurou até o século XVIII. A partir daí, com o surgimento de várias cidades ao redor das áreas de mineração (Minas Gerais), o trabalho escravo se diversificou. Apesar de um grande contingente de mão de obra ser alocado na exploração de ouro e diamantes, a dinâmica urbana exigia uma enorme quantidade de tarefas a serem cumpridas pelos escravos. Eram ferreiros, carregadores, calceteiros e pretos de aluguel, entre outros. Tornaram-se comuns as cozinheiras, arrumadeiras e amas de leite, todas escravas, compondo o ambiente interior das casas dos ricos donos de minas, comerciantes e autoridades administrativas.

No século XIX, com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, a cidade toma ares europeus. Porém, uma cena permanece a mesma: um grande número de escravos pulula pelas ruas e casas da capital.

Ocorrem poucas mudanças nas atividades domésticas ao longo do Período Imperial. Os serviços pesados, o preparo das refeições, a arrumação dos cômodos e, a ainda comum, amamentação dos filhos das sinhás, continuavam sendo tarefas das escravas que, mesmo gozando da confiança dos seus senhores, permaneciam presas à mesma e cruel condição, ou seja, eram escravas.

Entretanto, ainda em finais do século XIX, torna-se visível nas ricas e tradicionais casas, especialmente da cidade do Rio de Janeiro, a existência de governantas estrangeiras, provenientes da Europa, algumas de origem germânica e nórdica. A elas coube não só a responsabilidade de organizar o trabalho doméstico como também, cuidar da educação inicial dos filhos dos proprietários.

As famílias brasileiras de posses implantavam novos padrões de organização do trabalho doméstico, assimilados da cultura europeia e adaptados à realidade do fim da escravidão (1888).



O espaço social da casa passava a ser estruturado e frequentado por empregados brancos assalariados, com formação educacional, estrangeiros e conhecedores de etiquetas. Portanto, os padrões e valores burgueses eram cada vez mais incorporados ao cotidiano das famílias ricas do país. No entanto, a realidade do fundo da cozinha mudou pouco. A barriga que esquentava no fogão e esfriava nas tinas de lavagem de roupa, os dedos esfolados que esfregavam e torciam lençóis e, inevitavelmente, queimavam no ferro de passar em brasa, continuaram sendo negros.

Após a Segunda Guerra Mundial, a tecnologia incorporou-se ao dia a dia dos lares, através dos aparelhos eletrodomésticos. A praticidade e a rapidez inseridas nas atividades domésticas trouxeram maior dinamismo ao labor das empregadas domésticas. Porém, valorizou-se pouco o ser humano, estereotipado em aventais e espanadores que, à frente de máquinas de lavar, liquidificadores e batedeiras, tinham que aprontar tudo a tempo e à hora.

No nosso país as novidades tecnológicas do lar difundiram-se muito nas décadas de 1960 e 1970. O crescimento da classe média, a expansão da mídia televisiva e o consequente apelo ao consumismo, foram fatores decisivos nesse processo. Assim, cada vez mais, a boa casa e o bom trabalho doméstico eram associados à quantidade e variedade de aparelhos eletrodomésticos existentes. Estes, que davam status aos proprietários das casas, significavam mais trabalho para as empregadas domésticas que tinham que se especializar em um grande número de receitas publicadas em livros de culinária, saber o tipo e a medida certa do sabão em pó ou ainda, qual a temperatura correta para passar essa ou aquela camisa.

Entretanto, os direitos trabalhistas, o salário justo, a respeitabilidade social dessas trabalhadoras domésticas, passavam distantes da realidade dos lares. Muitas vezes, para os patrões parecia que as empregadas eram a extensão da casa, um objeto inanimado, invisibilizadas como seres humanos, que só ganhavam vida no cumprimento das ordens e na realização das tarefas. Isso se refletia no desrespeito ao horário de trabalho, na inexistência das folgas, indefinição de parâmetros salariais e, muitas vezes, na ocorrência de situações constrangedoras e traumáticas de assédio e violência sexual por parte dos patrões (homens).

É algo muito recente no Brasil o reconhecimento do trabalho doméstico como categoria profissional regulamentada pela legislação. No entanto, a memória social dos tempos da escravidão ainda nos mostra que permanecem marcas profundas, oriundas daquele período, no universo do trabalho doméstico. Muitas trabalhadoras ainda se vêem à margem das garantias legais. Carecem de conhecimento formal acerca dos seus direitos e continuam sendo exploradas por patrões que se aproveitam da falta de organização e preparo da categoria para perpetuarem elementos há muito ultrapassados na caracterização do trabalho doméstico.



Portanto, torna-se extremamente necessário e urgente desconstruir a noção de um “serviçal domesticado” e fazer valer o conceito de profissional das atividades domésticas e, acima de tudo, a percepção de que é um ser humano que as realiza e que também tem família, casa, sentimentos e por isso tudo e por muito mais, merece respeito.

Silvio Silva



## Domingo é fogo! (relato de uma incerteza)

Tava de bobeira na esquina  
 Olhando pro nada numa boa.  
 Eu tinha acabado de acordar  
 E o café, ainda era o paladar.  
 Domingo é fogo!  
 O corpo pesa, mas só tem a manhã pra aproveitar.  
 A noite passada foi doideira!!  
 Era tudo o que tinha pra lembrar.  
 Nunca mais eu bebo desse jeito!  
 Eu jurei e até, bati no peito!  
 Cerveja, cachaça, zueira, tá louco!!  
 Vou parar!  
 Vou dar um tempo pro meu corpo!  
 Mas, é Domingo de manhã!  
 E é brabo de aguentar!  
 Alguém, passando com carvão.  
 A moçada lá no bar.  
 Muito sorriso, bate-papo, animação.  
 Entra e sai, som alto, confusão.  
 A mulherada toda, solta na pista.  
 E a desgraçada, bem gelada no balcão!  
 Ah!!!! O desejo.  
 É bem mais forte que a razão...  
 Quer saber, amanhã eu paro!  
 É segunda, e vou ter que trabalhar.  
 Vou fazer dieta e até caminhar.  
 Queimar calorias, agitar o coração.  
 Fazer o sangue circular...  
 Parar???  
 Não sei, talvez.  
 Até o Sábado chegar.  
 É!!!  
 Domingo é fogo!!!



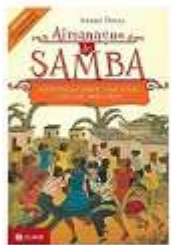
- Estante Suburbana



Comidas de samba bebidas de choro



Coisa de preto: o som e a cor do choro e do samba



Almanaque do samba: a História do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir



Sambistas e chorões



- Discoteca Suburbana



Caminhos da vida - Elaine Morgado



O suburbano - Almir Guineto



Receita pra amar - João Martins





## A namorada do bandido

O meu homem é um cavaleiro andante  
Audaz, afoito,  
Herói que empunha AR-15  
Nas mãos seguras  
Que tantas mortes já provocaram.

Não é o chefe aqui do morro,  
Mas quase isso,  
E, orgulhosa,  
Eu desfilo meus ares de primeira-dama  
Por estes becos,  
Muito embora eu o saiba homem de muitas outras,  
Me contentando  
Em ser mais uma das suas dezenas  
De prediletas.

Promotor de festas, danças, alegrias,  
Comendador,  
Paladino da luta contra as injustiças,  
Meu doce rambo,  
Que acolhe, satisfaz e aquieta meus desejos;  
Que me sacode nos braços fortes, quando tem raiva  
E que me bate;  
Mas me comove quando traz presentes caros,  
Lindos, mimosos,  
Alimentando, superinflando meu narcisismo.

Um dia, eu sei, meu homem tombará desfigurado,  
No encerramento  
De sua carreira gloriosa e de seus dias  
Aqui no mundo.



Aí, eu chorarei como a mais inconsolável das viúvas;  
Mas sei que logo  
Um outro herói com os mesmos predicados  
Me aquecerá  
No peito forte  
E ganhará meu coração.

É bom deixar bastante claro que “A NAMORADA DO BANDIDO” não pretende de modo algum glorificar a imagem do traficante de drogas ou do membro do crime organizado, mas focalizar a visão que as moças pobres que se envolvem com tais homens têm destes.

Barão da Mata



## COMIDA DI PÉ SUJO



### Cubos de tapioca com queijo coalho

Temos o cubo!  
Estudamos bastante em Geometria Espacial! Trata-se de um dos chamados "sólidos de Platão... mas, essa é uma História pra outro momento... agora vamos de "cubinhos de tapioca com queijo coalho"... vixe! É pô aperreio, certinho!



#### INGREDIENTES:

500 g de farinha de tapioca granulada:  
1 litro de leite líquido integral:  
500 g de queijo coalho ralado:  
sal a gosto, pimenta-do-reino branca a gosto!

Pra acompanhar:  
1 pote de geleia agridoce de pimenta;  
Algumas doses de uma cachaça pernambucana!

Mais ou menos assim: O leite aqueça numa panela e quando ele estiver bem quente... desligue o fogo. Então, adicione o queijo coalho ralado e mexa, mexa e continue mexendo. Daí a pouco, adicione a farinha de tapioca granulada e continue mexendo. Adicione o sal e pimenta, ao seu gosto. E quando todos os ingredientes estiverem bem misturados: pare de mexer!

Despeje em uma forma coberta com pvc (papel filme). Cubra por cima levando à geladeira por duas horas.

Retire da geladeira, corte em CUBOS e frite, ou faça no forno (até dourar)!  
Cachacinha pernambucana no copo! Delicie-se!

Herald Costa



## Aluá de Lukni

A piscina não tinha nem cinco anos que foi construída. Via-se com gosto o sangue que da grama escorria até as bordas de metal, couro, azulejos e mármore e pingava na leve ondulação sobre as águas verde-azuis, formando pequenos redemoinhos rosáceos no dissipar-se nas águas.

As pernas da moça se encontravam sobre o mármore gelado, sem nenhuma importância agora pois se encontrava morta. Os braços se projetavam na grama. A posição não tinha sentido algum, mas talvez fosse apenas coincidência.

O detetive Lourenço, quando chegou à casa em Vargem Grande, já tinha colhido algumas informações do caso pelo celular. Ele sempre insistia muito sobre todas as informações que pudesse ter quanto à posição do corpo.

"Não mexam no corpo pra nada... nada mesmo! Melhor até não fazerem nem fotos!" Aliás, melhor não mexerem em nada! Em nada em toda casa!" Ele sempre dizia.

Todos que trabalhavam com ele na polícia tinham conhecimento desse cuidado, para muitos mania, superstição. Recordavam que o motivo era o 'Caso Simeira'.

No homicídio ocorrido no início do ano 2000, a prostituta morta em Copacabana foi encontrada na areia da praia. Seu corpo foi colocado arbitrariamente numa posição que era um enigma proposto pelo assassino de Simeira (ou Sissi, como era conhecida na noite carioca). Lourenço só percebeu isso quando o criminoso já havia saído do Brasil pela ponte aérea.

Desde então o detetive Lourenço passou a ser um personagem meticuloso, sério, de um humor único, que muitos acreditam ser na verdade seu mau humor mesmo.

Seus colegas o chamam de 'O Eremita da Taquara' pois ele vive isolado num pequeno sítio no bairro da região de Jacarepaguá, na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de viver isolado ele não se sente solitário, pois, como ele mesmo diz: "Quase não saio de casa mas tô ligado no mundo todo. Seja na 'web' e mesmo na 'deep web'".

Trata-se de uma referência explícita às suas atividades virtuais, pesquisas e investigações feitas no mundo virtual.

Mas, na verdade, não foi somente a depressão que teve após o 'Caso Simeira' que o levou ao isolamento, longe disso. Ele sempre foi muito quieto mesmo. Deve-se muito às suas atividades como escritor e estudioso da Alquimia.

Mas, agora ele precisava investigar mais sobre a moça assassinada.



“Será que Lukni tem algo a me dizer? Vamos ouvi-la.”

O detetive olhou com cuidado o local e viu um copo perto da parede nos fundos do terreno. Será que tinha algo no copo?

Dentro havia uma bebida amarelada

Lourenço levou com cuidado o copo para perto e cheirou. Tinha um leve cheiro de abacaxi.

Separou com cuidado e entregou ao perito pedindo-lhe que tão logo descobrissem do que se tratava que ele fosse informado.

Mas, nós já sabemos do que se tratava: aluá.

Antero Catan



## Mulher que me tornei

O Samba não se aprende na escola  
É a vida a sua história  
VEM de nossos ancestrais

O Samba de CANDEIA e Cartola  
De Leci e D. IVONE  
Silas e muitos outros mais.

Mostram a realidade  
Sofrimento, liberdade  
luta contra o opressor

Por isto, falo sem vaidade  
Ser mulher nesta batalha  
É uma luta, sim senhor  
Pois samba dito com o coração  
E com toda emoção, é difícil de Aceitar

Amigo, digo sinceramente  
Faço diferente  
Este é o meu lugar  
Reflito  
Junto minhas memórias  
As Vivências de  
lugares que eu passei  
Não choro, lamento ou me entrego  
O Samba é o Argumento  
Da mulher que me tornei....

Samba, samba, samba....

Márcia Lopes



## Lógica de um folião do carnaval

As horas passavam e no bar somente uns cinco foliões. Meu amigo não se continha de tão feliz e se gabava que o bloco iria bombar.

Dali a pouco chegaram os músicos da banda. Aparentemente tinham vindo de outro trabalho. Alguns estavam até suados. Será que correram por acharem que já estavam atrasados? Mas, de folião mesmo não tinha quase ninguém.

Perguntei a ele se havia feito divulgação pelo modo tradicional ou a nova divulgação que todos fazem pelas redes sociais. Ou mesmo o tradicional boca-a-boca.

"Divulgação nenhuma, amigo... mas vai bombar o bloco você vai ver só!"

Dei um desconto ao meu amigo. Ele achava que em menos de meia hora seu bloco estaria cheio? Não tinha nenhuma lógica no que ele estava dizendo. Devia ser por conta da animação do carnaval e do álcool claro.

A inauguração do bloco, pelo que tudo indicava, seria um fracasso. Mas, iríamos nos divertir de qualquer jeito mesmo... pelo menos isso!

De repente um outro folião, também da diretoria do bloco do meu amigo Gaspar, entra correndo no bar onde estávamos e grita:

"Tá na hora! Vamos pra rua! O bloco vai sair!"

Saímos do bar com nossos copos de cerveja na mão e fomos da rua pequena onde estávamos para uma das rua principais do bairro de Irajá, subúrbio do Rio de Janeiro.

De repente, para minha completa surpresa e incredulidade, olho pro lado e noto que tem centenas de foliões na rua, cantando e dançando no bloco "Se você for: Irá já", com a banda naquela algazarra, a marchinha eterna "Me dá um dinheiro aí!" gravada na década de 60 por: Ivan, Homero e Glauco Ferreira e depois por Moacir Franco, que foi quem a popularizou de vez.

Incrível, o bloco estava bombando mesmo! Meu amigo estava certo. Fiquei desconcertado tentando entender o ocorrido. Não via nenhuma lógica naquilo.

Pulei, cantei, bebi e me diverti demais naquele bloco bombástico.

No dia seguinte, liguei pro amigo Gaspar. Isso bem depois do horário do almoço por conta das ressacas.

Perguntei pra ele qual tinha sido o segredo do bloco ter bombado tanto, como tinha tanta gente sem nenhuma divulgação!?

"Simples, Isaac, nosso bloco é de rebarba! Ou como se diria na gíria antiga: de banda!"

"Não entendi!? Como assim?"



Perguntei pra ele qual tinha sido o segredo do bloco ter bombado tanto, como tinha tanta gente sem nenhuma divulgação!?

"Simples, Isaac, nosso bloco é de rebarba! Ou como se diria na gíria antiga: de banda!

"Não entendi!? Como assim?"

"Tem um bloco tradicional no bairro que desfila numas ruas próximas de onde o nosso bloco saiu. Não vou dizer nem o nome... mas o desfile deles é curto, sempre foi! Só que os foliões, naquela empolgação que você já conhece, ficam com gosto de 'quero mais'... então, pensei o seguinte: o desfile do outro bloco termina exatamente na rua paralela à nossa, só que do outro lado da praça. Se do lado de cá nós começarmos uma saída de bloco, com bastante empolgação, alguns minutos depois que o desfile deles terminar os foliões correrão todos para o nosso lado! E o nosso vai ficar cheio... 'de rebarba', 'de banda'!"

Ah tá! Agora sim eu entendi a lógica do meu amigo folião. De quebra acabei aprendendo que podemos formar novas lógicas a todo momento! Até mesmo em relação a um desfile de bloco de carnaval! Coisas do nosso subúrbio carioca!

Leitor amigo, é que existem várias lógicas em Matemática. A tradicional, lembra, aquela do "sim/não", "verdadeiro/falso", a que todos estudamos na escola. Alguns professores é que acabam esquecendo de mencionar que várias lógicas existem e podem ser criadas.

Aliás, quem não é do ramo talvez não saiba, o Brasil é um país respeitadíssimo na área da Lógica e um dos nossos maiores nomes é o de Newton Carneiro Affonso da Costa.

Ele é matemático, lógico, filósofo e um dos pensadores brasileiros mais reconhecidos internacionalmente.

O professor Newton teve seu reconhecimento principalmente pela formulação da lógica paraconsistente. Pra se ter uma ideia de sua importância o Japão usa uma aplicação da lógica paraconsistente, a do Professor Newton, para controle e automatização das suas linhas de metrô.

Vamos fazer um breve resumo: a lógica paraconsistente consegue tratar matematicamente as contradições.

Duas afirmações, ainda que contraditórias, podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, o que parece incrível e mágico, não!?

Uma das bases da lógica clássica é um princípio chamado de "Princípio da não contradição". E a lógica paraconsistente coloca em xeque esta base, este pilar de sustentação da lógica clássica.

No caso do bloco que bombou vimos isso: a lógica clássica, no caso a que eu estava "usando" dizia que era impossível um bloco novo, de primeiro carnaval 'bombar' sem que ninguém fizesse divulgação nas redes sociais, ou a divulgação clássica: rádio, televisão, jornais, nem mesmo a divulgação do boca-a-boca.

E, seja sincero caro leitor, eu não tinha razão? Tinha, sim! Pela lógica clássica o bloco iria ser o bloco do eu sozinho, o bloco dos esquecidos.

Mas, a lógica do folião se sobressaiu!





No caso do bloco que bombou vimos isso: a lógica clássica, no caso a que eu estava "usando" dizia que era impossível um bloco novo, de primeiro carnaval 'bombou' sem que ninguém fizesse divulgação nas redes sociais, ou a divulgação clássica: rádio, televisão, jornais, nem mesmo a divulgação do boca-a-boca.

E, seja sincero caro leitor, eu não tinha razão? Tinha, sim! Pela lógica clássica o bloco iria ser o bloco do eu sozinho, o bloco dos esquecidos.

Mas, a lógica do folião se sobressaiu!

Veja como a lógica pode nos trair: disse pros amigos editores da revista que minha primeira coluna pra revista seria sobre Etnomatemática (que tem tudo a ver com o subúrbio pois é a matemática que fazem os povos, matemática diferente da academia, dos bancos escolares). Acabei falando sobre Lógicas! Vai entender essa lógica do planejamento!?

E a lógica do meu amigo Gaspar, hein!? Ele tinha razão: o bloco "Se você for: Irá já!" bombou! Foi um sucesso!

Meu amigo ainda se mostrou inteligentíssimo em matéria de Economia Popular: seu bloco foi um sucesso e eles ainda economizaram tempo e dinheiro com marketing e divulgação.

Mas, vamos voltar ao tema de "lógicas do povão". Mas prometo que na coluna do mês que vem falaremos de Etnomatemática e juntos vamos construir, com coisinhas que jogamos no lixo, um jogo africano chamado Kalaha, popular em diversas sociedades africanas é um jogo que tem sido objeto de estudo da Etnomatemática.

Pra encerrar a história do meu amigo Gaspar, vim a saber depois que os músicos do novo bloco foram os mesmos que tocaram no bloco tradicional. E que aceitaram tocar no bloco estreante por um cachê menor, pois segundo a lógica dos músicos:

"Ah! Tá bom! A banda já está aqui mesmo! Aceitamos o cachê com este desconto proposto."



O Kalaha - jogo africano estudado pela Matemática

Herald Costa



## De dentro do Quilombo - Pedra do Sal, quilombo patrimônio carioca

Um brilho refaz ainda mais a beleza da pedra.

É somente de certo ângulo, estando bem ao alto, e inclinando-se o pescoço pra o lado esquerdo que se observa a pedra com este brilho escondido.

Ele acaba criando um espelho quase-plano na inclinação da pedra e onde o sol vem refletir-se. Penso no brilho dos raios de Xangô ali naquela pedra nos saudando.

Mas, se o momento me convida para um desvio poético único no Centro da Cidade de São Sebastião, a admiração de propagada beleza só atualmente pode ser apreciada, mas nunca sem sentimentos profundos de tristeza quando se conhece a História que correu sobre o provisório espelho. Estou na parte alta da Pedra do Sal.

Sou turista na cidade do Rio de Janeiro. Vim visitar uns amigos que moram na região. Eles me contaram que não gostam muito quando alguém diz que eles são "do porto do Rio", e que o correto seria sempre dizer que moram na Comunidade Remanescentes de Quilombos da Pedra do Sal. Eu, que também sou quilombola, mas do interior do Estado do Rio, achei importante a conscientização.

Vivendo num Quilombo sei da necessidade urgente de uma historiografia diferente da que existe atualmente. Não é que toda a historiografia esteja equivocada, não é isso, o que gostaria que fosse levado em conta quando o assunto é Quilombos é a cultura desses povoados.

Ao pesquisarmos sobre Quilombo na Internet, que sem sombra de dúvidas é o primeiro meio de pesquisa utilizado atualmente quando se quer pesquisar sobre qualquer coisa, sabe o que achamos? O eco de vozes senhoriais, revestidas do manto endeusado de teses de todo tipo, perpetuados pela Academia e seus títulos, carregadas de visão preconceituosa e discriminatória.

Quase a totalidade dos textos se dirigem aos Quilombos no passado, assim, o Quilombo foi, era, ocorreu, vivia, aparecia. Fico bastante indignada uma vez que moro num Quilombo. E em nossa comunidade nós produzimos, vivemos, sorrimos, amamos e outras coisas mais.

Outro discurso muito batido e que basta uma pesquisa na Internet pra verificarem que não minto é o discurso do ódio. Muitos textos falam da formação de Quilombos por "escravos negros revoltosos", "escravos fugitivos" Em sua maioria os textos falam no passado, como se não existissem ainda os quilombos. Os textos falam de violência nos Quilombos, falam de "escravos fugidos que se bandeavam", "escravos negros revoltosos".



Mas, um dia me deparei com um texto que praticamente declarava guerra a todos os quilombolas, o texto falava sobre a violência que os moradores de bem em volta dos Quilombos sofriam dos quilombolas. Sabemos que é o contrário que ocorre.

Olha uma das primeiras definições de Quilombos, do ano de 1740, feita pelo Conselho Ultramarino Português: "toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem achem pilões neles".

Quilombos são e sempre foram comunidades de pessoas que resistiram. Comunidades de pessoas que lutavam pela Justiça, em seu sentido filosófico mais intenso e latente. Quilombos são e sempre foram comunidades que preservam uma cultura importantíssima para todos os brasileiros.

Por isso que é chegada a hora, já bastante atrasada aliás, para que tenhamos outra historiografia em relação aos Quilombos.

Na base da Pedra do Sal há uma placa, uma pequena placa onde lemos: "PEDRA DO SAL - Neste local o sal era descarregado das embarcações que aportavam nas proximidades. Passou depois a ponto de encontro de sambistas que trabalhavam como estivadores. Sec. Mun. de Cultura, Turismo e Esportes, Dep. Geral de Patrimônio Cultural

A pequena placa não diz quase nada da importância da Pedra do Sal. Pra se ter uma ideia da importância do local Tia Ciata, Donga, João da Baiana e Pixinguinha foram frequentadores assíduos do local, aliás, muitos moraram lá. O samba começou ali, na região da Pedra do Sal, sob as bênçãos de Xangô.

A região da Pedra do Sal fazia parte do que se denominou 'pequena África', devido à importância da cultura africana e afro-brasileira nos arredores. Em outras oportunidade falaremos mais sobre suas riquezas socioculturais.

Destaca-se na pedra sua escadaria entalhada. Foi trabalho de engenhosidade dos escravos para facilitar o trabalho de carregar e descarregar as embarcações, que primeiro foram de açúcar e mais tarde de sal.

A parte triste é imaginar o mercado de escravos que havia no tempo em que o mar chegava ao Largo da Prainha. Parte do sal da pedra era do sangue, do suor e das lágrimas africanas.

Fico pensando se todos nós quilombolas, suburbanos, periféricos em geral, compreendêssemos a profundidade da frase dita logo no início do filme Quilombo, do Cacá Diegues por Ganga Zumba (Tony Tornado): "Se a gente se juntasse...."

Malkia Usiku



## Lembrando Dreyer depois de um Dreher no subúrbio

Acabo de ler na minha “pdf-teca”, uma coleção de 2.000 títulos em pdfs de livros, o seguinte: "os sentidos se encontram condicionados pelo aparelho conceitual antes que a percepção ocorra". Na próxima edição digo o autor, por enquanto, caro leitor, tente descobrir quem disse tais palavras, quem sabe?

Tenho diversos títulos no celular, de Filosofia, Sociologia, Poesia a livros de RPG e pequenos prazeres de ficção científica e livros de terror e mistério. Tenho poucos pdfs de quadrinhos, mesmo considerando a "banda desenhada" a nossa nona arte.

Vou fazendo minha segunda formação em Sociologia nas Escolas dos Bares Imundos do Subúrbio e Arredores, as EBISAs.

Não é sempre que entro num boteco que estou em aula, na verdade, na maioria das vezes entro mesmo pra "desopilar o fígado, maltratando-o!", conforme ouvi certa feita num pé sujo do Irajá.

Minha pesquisa de campo nas EBISAs tem até um roteiro científico. É feita mais ou menos assim: entro num boteco qualquer, sento, peço um conhaque e uma cerveja e observo.

Escolho geralmente os botecos e pés sujos do subúrbio carioca por serem laboratórios vivíssimos da experiência humana.

Minha observação não é passiva, longe disso. Na primeira oportunidade que tenho começo a conversar com alguém próximo, ou me aproximo de alguém e puxo converso. Quando percebo que não há conversa interessante, não perco tempo e abro um título da minha pdf-teca e fico lendo esperando uma boa oportunidade para minhas pesquisas.

Hoje estou num barzinho no bairro do Engenho Novo. Estou sentado na mesma mesa em que me sentei há uns dois meses.

Marquei com os editores da Revista Sarau Subúrbio pra batermos um papo, trocarmos umas ideias. Disse ao Bizar que queria escrever uns textos pra revista e ele disse que sim. Daí falei pra gente molhar a goela e conversar um pouco sobre a revista.

Enquanto espero meus convidados fico lembrando de algumas pessoas ilustres que conheci nessas pesquisas de campo, principalmente neste agradável estabelecimento em que marcamos.

Mateus foi um desses personagens do subúrbio carioca que nos ensina tanto num bate-papo informal que vale um momento de aula sociológica.



Ele me contou que está desempregado há uns três anos e tem se virado pra pagar as contas. Os bicos que fez já foram de porteiro de folga (o porteiro que cobre as folgas dominicais dos porteiros titulares), de "passeador" de cachorros, de segurança e também de garçom (sempre me lembro de um professor de Português que dizia ser o correto "garção", vai saber...).

Minhas pesquisas não se limitam a conversas tão informais é claro. Num certo momento de um desse diálogo eu faço umas perguntas que meus amigos acham "diferentes", mas, sempre as faço, senão não teria graça nenhuma.

Ao Mateus eu lembro ter perguntado: "Amigão, mas o que você acha de, sendo do subúrbio, desempregado, ter acesso a praticamente todos os extratos sociais cariocas? Você frequenta desde o pé-sujo onde estamos até as casas mais suntuosas da Zona Sul, mesmo que pra passear com cachorro de madame. O que acha disso?"

As palavras numa pesquisa de campo sociológica são importantíssimas é certo, entretanto, nessas horas, logo após a pergunta inesperada, fico de olho é na reação corporal do meu interlocutor. Sinto-me o próprio Kierkegaard.

Um dos meus filósofos preferidos, Kierkegaard. Ele gostava dessas aventuras fictícias e criava pseudônimos com quem dialogava profundamente. Sabia se colocar no lugar de muitos outros, o que é ótimo para um filósofo.

Mas tem um pouco de Dreyer nestas aventuras também. O cineasta dinamarquês Theodor Dreyer é um dos que mais gosto.

Enquanto espero, olho pra mesa e só agora noto que ao lado do copo de cerveja tem uma dose de Dreher, o conhaque. Viro de uma vez.

Talvez consiga ter visões esclarecedoras nesta tarde. Mas, quem sabe, visões ainda mais intensas, como um personagem do filme "Vampiro" do Dreyer ou de um Dreher. Quem sabe?

Jonas Hébrio, sociólogo de boteco



# BLOG DO TIZIU



## A MÚSICA NAS NÁDEGAS DE UM QUADRO ANTIGÃO

Eu como pássaro só conheço mesmo a arte do canto. Mas, achei tão interessante o que aconteceu com esse quadro antigão que resolvi compartilhar com os amigos leitores da Revista Sarau Subúrbio.

Existe um quadro chamado de "O Jardim das Delícias Terrenas", da autoria de Hieronymus Bosch, que data mais ou menos de 1504, pertinho do "descobrimento" do Brasil, não!?

É um tríptico que descreve a criação, a vida do homem mundana e sua condenação, o paraíso e o inferno ficam dos lados e a nossa vida mundana no meio.

Na meiotá que são celebrados os prazeres da carne. Todo mundo meio peladão, com caras de deboche, prazer, loucura, tédio, ódio mas sem sem nenhum sentimento de culpa.

Embaixo uma reprodução desse quadro, verdadeira obra-prima da humanidade e um desafio para o amigo leitor... tem uma bunda no quadro que tem uma música escrita nela (nossa notação musical parecida com nosso pentagrama) e no Youtube já tem até a gravação, tente descobrir que na próxima edição da Revista Sarau Subúrbio nós vamos divulgar:

